

OS CONTOS DE GRIMM NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO: TRADUÇÃO E RECEPÇÃO

Silvia TRUSEL
Universidade Federal do Pa

RESUMO: É conhecido o trabalho de Monteiro Lobato no campo de produção literária para o público infantil, como também o é seu esforço em emancipar o gênero dos cânones europeus. Contudo, sua tarefa de tradutor, ao realizar o traslado e a circulação de um grande número de obras estrangeiras para o ambiente nacional, parece contradizer seu projeto de fundar uma literatura infantil brasileira. A partir do exame da recepção da coletânea dos Grimm em sua obra, especialmente as adaptações *Contos de Grimm* e *Novos Contos de Grimm*, pretende-se, pois, vislumbrar o modo pelo qual Lobato teria conciliado os propósitos, que parecem, à primeira vista, antagônicos. (não está claro!).

PALAVRAS-CHAVE: tradução; leitura; recepção.

ZUSAMMENFASSUNG: Die Arbeiten von Monteiro Lobato sind vor allem im Rahmen der Kinderliteratur bekannt, wobei seine Bemühungen, diese Literaturgattung von den europäischen Kanonischen Vorgaben zu lösen, besondere Beachtung finden sollte. Dennoch scheint seine Aufgabe als Übersetzer, der eine grosse Anzahl von ausländischen Werken dem nationalen Publikum zugänglich macht, seinem Projekt zu widersprechen, eine brasilianische Kinderliteratur gründen zu wollen. Vor diesem Hintergrund wird versucht zu zeigen, in welcher Form Lobato diese anscheinend widersprüchlichen Ansprüche gerecht werden kann und sie zusammenführt. Dabei steht die Rezeption der Werke der Grimms, vor allem die Übersetzungen *Grimm's Märchen* und *Neuen Grimm's Märchen* im Mittelpunkt der Betrachtung.

SCHLÜSSELWÖRTER: Übersetzung; Lektüre; Rezeption.

1 TRADUÇÃO E LEITURA

Falar sobre tradução implica esclarecer previamente o rumo adotado frente a um vasto número de posturas teóricas que recobrem desde questões tão pragmáticas como direitos autorais, até problemas relativos à formação de identidades culturais (VENUTI, 2002, p. 129 e passim). Convém, assim, esclarecer que o olhar lançado sobre essa atividade é o do comparatista, que, não descurando dos problemas dos estudos da linguagem, preocupa-se com a tradução como operação necessária e previamente ancorada na leitura. Esta afirmação tem de antemão duas implicações significativas para o exame a que se quer proceder

A primeira delas, aponta não só para a difusão no tempo e no espaço dos signos, - aspecto bastante explorado pelo *After Babel*¹ de Steiner - da qual o verbo alemão *übertragen* pretende dar conta, como também assinala o poder fundador da linguagem na constituição do sujeito e seus modos de apreensão da realidade. Significa isso dizer que a tradução efetiva-se não só nos processos de resignificação - com todas as possibilidades advindas do confronto entre as línguas/ culturas, mas também como operação inerente aos atos de comunicação. De fato, conquanto reconheça que o sentido mais restrito da tradução resida no contato entre idiomas distintos, Steiner sustenta que, se entender está diretamente associado ao ato de decifrar mensagens, no limite, “el ser humano se entrega a un acto de traducción en el sentido cabal de la palabra cada vez que recibe de otro un mensaje hablado.” (STEINER, 2001, p. 50)² A força retórica da argumentação do *After Babel* erige-se, em parte, sobre a observação da movimentação no espaço e no tempo de uma ou mais línguas, de

¹ Utilizar-se-á para as citações do livro, sua tradução para o espanhol.

² Optou-se por manter as citações na língua do texto lido, traduzindo-se apenas os trechos em alemão.

tal modo que o ato da tradução se faz necessário, por exemplo, para lidar com as transformações no seio de um mesmo idioma.

El proceso de traducción diacrónica en el seno de la propia lengua es tan constante y es llevado a cabo de modo tan inconsciente, que sólo en muy raras ocasiones hacemos una pausa para observar su complejidad o para reparar en el papel decisivo que desempeña en la existencia misma de la civilización. (loc. cit.)

O viés dado por Steiner permitiu, por sua vez, ao pensador espanhol Larrosa enlaçar tradução e leitura, reivindicando, a partir deste par conceitual, o valor metafórico da tradução. Desse modo, acentua, nesta operação, a carga semântica de transformação.

Traslado, transformación mutua, familiarización de lo extraño, extrañamiento de lo familiar, intermediación. En la traducción, como en la lectura, siempre es cuestión de un juego de diferencias. Entre las lenguas entre el libro y el lector, entre cada lengua y ella misma por mediación de la lengua extranjera, entre el libro y él mismo a través del lector, entre el lector y sí mismo gracias al libro, entre las palabras y las cosas, entre la biblioteca y la productividad permanente del sentido. La traducción, como la lectura, tienen su lugar en un entre. (LARROSA, 1996, p. 303)

O trecho citado, apesar de longo, tem para a investigação da recepção do acervo dos Irmãos Grimm diversas conseqüências. Em primeiro lugar, porque permite ao pesquisador situar o trabalho de Lobato como atividade que repousa sobre o ato de leitura, que não se reduz ao trânsito entre idiomas distintos, mas se situa também no âmbito da própria língua; em segundo, porque acentua - aspecto fundamental, como se verá - a dinâmica da transformação neste jogo do qual participam leitor e texto.

Do enlace tradução/leitura, retira-se ainda uma segunda implicação, especialmente relevante para quem lida com os problemas do comércio ente as literaturas. Com efeito, não são poucos os que têm anotado a função da tradução com mecanismo indispensável de

circulação literária. De fato, o texto traduzido, situado na difícil fronteira entre duas línguas, transita de um público a outro, viabilizando o contato e as transformações nos sistemas literários a que pertencem. Em outros termos, isso significa dizer que, também considerada no âmbito interlingual (JAKOBSON, 1995, p. 63), a tradução implica um processo de reconhecimento dos horizontes de leitura do novo público receptor, implicando, pois, uma modificação do texto de partida.

Com efeito, recorrendo à estética da recepção de Jauss, o comparatista Chevrel observa que o problema da tradução reside justamente no fato desta se movimentar entre dois horizontes de leitura distintos (CHEVREL, 1989, p. 57 e passim). Se o original já se define pela tensão criada entre a expectativa de seu leitor e a dada pela obra, seu tradutor irá lidar com um público, cujo idioma configura um horizonte distinto do que preside o texto-emissor. Consequentemente, argumentam os autores de *Que é literatura comparada*, “as traduções pertencem à literatura que as acolhe e se integram no seu patrimônio. Julguemo-las, pois, pela necessidade que as faz nascer.” (BRUNEL; PICHOS; ROUSSEAU, 1990, p. 134) Nesse sentido, a prática da tradução desvela e põe em xeque noções caras ao ocidente moderno, como autoria, originalidade, cânone, literatura nacional. E, no limite, não só relê o texto de partida, como obriga ao sistema literário que o recebe a modificar-se. De fato, se é inegável que a tradução se veja compelida a ajustar-se às diferenças culturais e lingüísticas do texto estrangeiro, tampouco é menos verdade que o traslado possa favorecer, ou reprimir, a heterogeneidade na cultura de chegada. As relações de tensão entre público-alvo e texto de partida, sobre as quais erige-se a tradução, mal escamoteiam, entretanto, as escolhas calculadas de certos textos estrangeiro (em detrimento de outros), as estratégias tradutórias para confirmar ou modificar paradigmas de criação literária (como por exemplo, os que regem a literatura para o público infantil) e, com menos pudor ainda, as estratégias mercadológicas de venda. Com efeito, e o exemplo de Monteiro Lobato ilustra-o bem, a tradução não foge aos mecanismos

que, ao longo da modernização dos meios de produção e divulgação de literatura, fazem do livro um bem de consumo, premido pelas leis de oferta e procura. O escritor Monteiro Lobato, como se verá, parece conhecer bem os liames que unem leitura e tradução - com operações, ambas, presididas por uma dinâmica de transformação - tanto quanto o empresário-editor estava atento à demanda do mercado brasileiro, na passagem entre a Velha e Nova República.

2 LOBATO: TRADUTOR, EMPRESÁRIO, ESCRITOR

Com efeito, o jovem nascido em Taubaté que acalentara os mesmos sonhos dos senhores de café, ao mudar como tantas vezes o faria o rumo de sua vida, não desconhece o estreito vínculo que une investimento e mercado. Significa isso dizer que sofrer as oscilações de um mercado, típicos de um país em processo de desenvolvimento requer para Lobato, um domínio de táticas literárias que combatam os prejuízos daí oriundos. Se a criação de uma literatura infantil nacional voltada ao público infantil é uma delas, a tradução o é igualmente, e mantém com a primeira um vínculo extremamente profícuo.

Nitidamente influenciado pelo modelo norte-americano, confiante nos benefícios da livre-iniciativa, Lobato empreenderá uma campanha pela modernização do país, que inclui, como bem observou Marisa Lajolo, o projeto de capacitar, pela propaganda e melhor distribuição, um sistema de produção e circulação de literatura. Sua ambição será, portanto, a de inserir a arte literária nos parâmetros da modernidade. Em outros termos, o escritor “inaugurou uma concepção de literatura que incluía a noção de livro como objeto sem áurea: como linguagem, como texto, como mercadoria.” (LAJOLO, 1983, p. 42) Numa época em que o censo demográfico contabiliza para uma capital como a de São Paulo uma população total de 579.003, dos quais 58% eram registrados como alfabetizados, contando apenas com 02 editoras capazes de ultrapassar a marca de

publicação superior a 30 obras e de apenas quatro que atingiram a cifra de 100.000 exemplares lançados (FIORENTINO, 1982, p. 115), Lobato reconhece, no descompasso entre público potencial e real, a inexistência de um mercado editorial eficiente que concebesse a literatura como bem de consumo. “Faço livro”, diz, “e vendo-os porque há mercado para a mercadoria; exatamente o negócio de que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriços e vende-os.” (Lobato, 1964, II V, p. 211)

À par da provocativa comparação, nota-se aí a arguta percepção do lugar dedicado à literatura dirigida ao público infantil, ficcional ou de cunho didático, consciente que estava, fosse como editor ou escritor, do papel desempenhado por esta faixa do público consumidor, privilegiado no surto de urbanização e massificação da cultura. Assim, escreve ao amigo Rangel:

Estamos refreando as edições literárias para a intensificação das escolares. O bom negócio é o didático. Todos os editores começam com literatura geral e, por fim, se fecham na didática. (LOBATO, *ibid.*, p. 264)

Com efeito, a importância atribuída à empresa editorial, enquanto mecanismo imprescindível para a circulação do livro naquele século, advém da sua prática como autor de textos endereçados à infância.

O meu Narizinho, do qual retirei 50.500 – maior edição do mundo! – tem que ser metido bucho a dentro do público, tal qual fazem as mães com o óleo de rícino. Elas apertam o nariz da criança e enfiam a droga e a pobre criança ou engole ou morre asfixiada. Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui. (LOBATO, *ibid.*, p. 230)

A larga tiragem, de fato assombrosa para as precárias condições de assimilação da época, escoou para um destinatário específico - cena que testemunha a sólida aliança mantida desde os

primórdios entre a narrativa para as crianças e a pedagogia. A instituição escolar com o benemérito ato de Washington Luis acolhe 30.000 dos 50.500 exemplares publicados. Donde, não é casual que tenha sido justamente no âmbito da literatura infantil que Lobato obteve seu maior êxito. Ele ilustra com clareza o processo de mercantilização da cultura e, de maneira significativa, da literatura infantil brasileira.

O ofício de tradutor tampouco parece destoar do quadro esboçado. Se coube ao romantismo romper com o cerco imposto pela censura portuguesa, trazendo ao país uma avalanche de traduções de livros quase que exclusivamente franceses, o século XX, acompanhando e amparando o desenvolvimento da indústria editorial, assistiu ao incremento de traduções (PAES, 1990). Mais uma vez, a sagacidade de Lobato percebe a aliança que faz da tradução um porto seguro para as editoras atentas a um mercado sôfrego por novidades.

A novidade era absoluta. Livros novos, arejados, cinematográficos, de cenários amplíssimos – não mais a alcova de Paris. Almas novas e almas fortes, violentíssimas, caracteres shakespearianos, kiplinguanos, jacklondrinos – novos, fortes, sadios. E delicioso com tanto novo, o público passou a pedir mais, mais, mais, até que se saturou, ou antes, que as editoras saturaram o mercado. (LOBATO, 1957, p. 125)

É, pois, diante da configuração de um mercado ansioso por lançamentos novos e sob o impacto de sua derrocada financeira que Lobato assume inteiramente o ofício de tradutor. Voltando dos EUA, onde perdera no *crack* de 30 da Bolsa de Nova Iorque o produto da venda de suas ações da editora Nacional, vê-se sem o soldo garantido pelo posto de adido comercial e sem os meios que a atividade empresarial de editor lhe assegurara. Remonta a esta época sua produção mais intensa no campo da tradução, que lhe agencia o sustento monetário necessário. Ao amigo Godofredo Rangel, escreve entusiasmado e relata, “Tenho empregado as manhãs a traduzir.

Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault (...). (Lobato, 1964, II V., p. 366)

3 OS GRIMM NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Data, portanto, de 1934 o *Contos de Grimm*: tradução e adaptação de Monteiro Lobato. Neste volume, encontram-se vertidas para o público brasileiro onze das duzentas e dez narrativas provenientes da coletânea alemã *Contos maravilhosos para as crianças e para o lar (Kinder-und Hausmärchen)*³, como “A menina da Capinha Vermelha” (“*Rotkäppchen*”), “Cinderela” (“*Aschenputtel*”), “As enteadas e os anões” (“*Die drei Männlein im Walde*”), “O Príncipe Sapo” (“*Der Froschkönig oder der eiserne Heinrich*”). A essa publicação, segue-se, dois anos depois, um segundo volume, *Novos Contos de Grimm*, onde aparecem o “Rumpelstiltskin”, (“*Rumpelstiltskin*”), “Os dois irmãozinhos” (“*Brüderchen und Schwesterchen*”), “Rapunzel” (“*Rapunzel*”), dentre outros. Contudo, ao leitor atento, não passará despercebido o sub-título dado aos dois volumes – tradução e adaptação de Monteiro Lobato – como também talvez lhe intrigue o idioma do texto de partida. De fato, quem esquadrinhar a correspondência do escritor com o amigo Godofredo Rangel encontrará indícios que sugerem o fato de Lobato ter feito sua “tradução e adaptação” com base em traslados anteriores. A seu favor, entretanto, é preciso advertir que o mercado brasileiro editorial, nesse movediço terreno da tradução, estava ainda se constituindo, e muitos tradutores, dado o pouco prestígio da profissão, acobertavam-se sob o anonimato. Lobato não desconhecia o menosprezo, e manifesta-o, escrevendo ao amigo, “(...) traduzi tão brutalmente que me acusaram lá fora de apenas assinar as

³ A coletânea intitulada *Kinder-und Hausmärchen* apareceu inicialmente em dois volumes, em 1812/15. A esta edição seguiram-se ainda outras sete. O estudo comparado das edições e manuscritos permite averiguar o processo de censura e filtragem inerente à adaptação para o público da *Haus* burguesa.

traduções.” (LOBATO, 1964, II V., p.366). Com efeito, não faltavam nas residências brasileiras do final do século XIX, e nos primeiros decênios do seguinte, um número considerável de traduções para inglês e o francês – idiomas que Lobato dominava bem - e mesmo para o português, a exemplo das coleções de Figueiredo Pimentel (*Contos da Carochinha*, 1894; *Histórias do Arco da Velha*, 1894; *Histórias da Baratinha*, 1896; *Histórias da Avozinha*, 1896). Também aqui, epistolografia de Lobato, bem como a pesquisa nos arquivos da Biblioteca Nacional, podem constituir vias de acesso importante para compreender a empresa de Lobato.⁴ Com efeito, evidencia-se não só a leitura lobatiana de coletâneas anteriores à sua, como também o projeto de “abrasileirar” as traduções. Assim, em um de seus artigos recorta o papel do tradutor – “a universalização do pensamento” – malgrado a baixa remuneração – como também o seu propósito “Estou a examinar os contos de Grimm, dados pela Garnier. Pobre crianças brasileiras. Que traduções galegas. Temos de refazer tudo isso – abrasileirar a linguagem. (LOBATO, 1961, p. 237)

Afora os trechos em que comenta a mímica adotada, em Novembro, para se comunicar com um companheiro alemão de jogos de xadrez, os títulos traduzidos que lê sugerem que *Contos de Grimm* e *Novos Contos de Grimm* constituem traduções indiretas, que glosam no estilo direto de Lobato, na sua linguagem simultaneamente inovadora e transparente, a floreada prosa parnasiana das coleções anteriores. O novo estilo que Lobato imprime em sua adaptação salta à vista e quem faça o cotejo. Se o “Branca como a Neve” de Figueiredo Pimentel, versão nacional do “*Schneewittchen*”, abre a narrativa com

⁴ A pesquisa nos arquivos da Biblioteca Nacional permitiu a identificação das traduções aqui mencionadas. As coletâneas de F. Pimentel constituem, em realidade, uma reunião de contos retirados da tradição oral, adaptados para as famílias brasileiras, com edição da Livraria Quaresma; os contos publicados pela Livraria Garnier (*Contos dos Irmãos Grimm*, 1897) foram impressos em Paris e são traduções do alemão, informa-o a nota do editor, para o português, por Luiz Molland e Ernesto Grégoire.

uma sucessão de adjetivos, cuja função parece ser a de salientar e equiparar a nobreza de suas virtudes com o desejo de maternidade - “A rainha Laurinda era a soberana mais estimada do mundo, por sua bondade, virtude e bom coração. Para ser completamente feliz, só uma coisa desejava – ter filhos. (PIMENTEL, 1958, p. 199) o “Alva Neve”, lançado pela Garnier, explora a adocicada paisagem romântica:

Era no inverno e os flocos de neve caíam do ceo como fina pennugem. Uma rainha, nobre e bella, estava ao pé da janella aberta do palácio; bordava e ao mesmo tempo olhava os flocos balouçarem-se docemente no ar. (GRIMM, 1897, p. 201)

A tradução de Lobato adapta, de fato, o ócio nobre ao pragmatismo burguês numa linguagem clara e direta, contando que “Era uma vez uma rainha que pregava botões nas camisas do seu esposo, apoiada no parapeito do ébano da varanda do palácio. Estava nevando.” (LOBATO, 1958, p. 64). Se o estilo de Lobato rompe com a prosa ornamental dos textos precedentes e com a clara moral cristã, tampouco abandona o mesmo tom de zombaria que seria característico de sua obra – aquele que marcaria de modo implacável a voz da célebre personagem, Emília. “A rainha ficou furiosa”, conta o narrador de Lobato, “e quebrou quanta coisa havia no quarto, inclusive o espelho.” (LOBATO, *ibid*, p. 77). Não poderá deixar de sorrir o leitor, ou ouvinte, diante do destino dado ao objeto que, servindo emblematicamente à vaidade da madrastra, desempenhara na economia do conto a função de assinalar o amor narcísico. Lobato, embora preso às teias da tradução, não resiste à sua tendência a desconstruir a moral edificante, característica dessas narrativas. E, de fato, quem percorre a correspondência do autor sabe que a ruptura com o modelo instaurado não é fruto do acaso, mas de uma concepção aguda do papel do tradutor como leitor em trânsito entre culturas e linguagens. Onde, compelido a uma operação de subversão.

A tradução literal, isto é, de absoluta fidelidade à forma literária em que dentro de sua língua o autor expressou o seu pensamento trai

e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve dizer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro da sua língua de tradutor, dentro de sua forma literária de tradutor. (LOBATO, 1957, p. 118)

Não é, pois, de se estranhar a arguta consciência do escritor quanto ao elo que une tradução e leitura, como operações indissociáveis, seja porque todo ato de leitura consiste numa operação de tradução, seja porque traduzir implica necessariamente ler e atualizar o texto a ser vertido. Com perspicácia, observa que “há muitas maneiras de ler. Talvez a mais profunda seja a de quem verte um livro para outra língua.” (LOBATO, 1961, p. 237) Reconhecendo, portanto, a operação de leitura como suporte que sustenta o exercício da tradução, Lobato identifica o fosso que separa as traduções portuguesas do leitor brasileiro. De fato, Dona Benta, espécie de *alter-ego* do leitor-Lobato, sabe traduzir os livros portugueses em linguagem adequada aos leitores que deseja formar.

A moda de D. Benta ler era boa. Lia diferente dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. (LOBATO, 1959, p. 191)

Desse modo, as personagens do acervo compilado pelos Grimm migram, pela leitura de Lobato, para o Sítio do Picapau Amarelo, lugar simultaneamente idílico e voltado à formação de leitores sagazes. O espírito de insubmissão, mal flagrado nas adaptações, assoma na obra criada para o público infantil brasileiro, desconstruindo claramente, em jogos intertextuais, qualquer sinal de reverência aos clássicos da literatura.

4 TRADUÇÃO E INTERTEXTUALIDADE NO SÍTIO

O primeiro capítulo do Narizinho Arrebitado lançado inicialmente em 1921, após situar o leitor nas terras do sítio de D.

Benta, transfere seu olhar para o pomar onde corre um ribeirão, local predileto para as divagações de Narizinho. O segundo capítulo vem encabeçado sugestivamente pela expressão “Uma vez...”. (LOBATO, 1959, p. 12). Riacho e título confluem rumo a uma experiência de deslocamento do imaginário para um outrora perdido na memória, em que um outro texto, esquecido, é recordado. A referência aqui é à primeira história que desde 1812 emblematicamente abre o acervo dos Irmãos Grimm – *Der Froschkönig oder der eiserne Heinrich*. O conto principia, na versão de 1857, com a programática fórmula de Wilhelm Grimm.

Nos tempos de antigamente, quando os desejos ainda ajudavam, vivia um rei, cujas filhas eram todas lindas. Mas a mais jovem era tão bela, tão bela, que até o sol, que já vira tantas coisas, sempre se admirava quando ela diante dele surgia.⁵ (BRÜDER GRIMM, 1982, p. 29)

Se o texto de Grimm remetia o leitor para um tempo inalcançável, o de Lobato parece inserir-se numa curiosa convergência entre realidade-irrealidade. Narizinho sonha e é despertada pela voz rouca de Nastácia. O ambíguo estado entre a vigília e o sonho, marca da literatura fantástica (TODOROV, 1975; BRAVO, 1985) progride ao longo da obra, transgredindo cada vez mais a fronteira que separa realidade da fantasia. De fato, n’*O Picapau Amarelo*, encontram-se já plenamente abolidos os liames que separam uma e outra, num entrecruzamento ininterrupto de criaturas maravilhosas retiradas da mitologia grega, do conto de fadas européia, *das Mil e Uma noites*, e da ficção lobatiana. Mas é no “Reino das Águas Claras” que Narizinho começa seu percurso ficcional, encontrando-se com um outro ser

⁵ Trad. nossa de “In den alten Zeiten, wo das Wünschen noch geholfen hat, lebte ein König, dessen Töchter waren alle schön, aber die jüngste war so schön, daß die Sonne selber die doch so vieles gesehen hat, sich wunderte, sooft sie ihr ins Gesicht schien.”

que, apesar de diminuto, intercomunica os espaços criativos. Afinal, ele possui uma bota que, para cada passo, adianta sete léguas. O Pequeno Polegar (na versão de Perrault, *Le Petit Poucet*, na dos Grimm *Der Daumesdick*) é por natureza um ser viajante, um aventureiro que graças ao poder de suas botas e de sua engenhosidade transpõe universos e fronteiras. Se ele se tornou o mensageiro da corte francesa (PERRAULT, 1981, p. 288) ou aquele que anuncia “– Pe eu devo e necessito sair pelo mundo” (BRÜDER GRIMM, 1982, p. 231)⁶, no “Narizinho Arrebitado”, ele exacerba o espírito de rebelde que o tipifica. Fantasiado de bobo da corte, ele irrompe no reino do Príncipe Escamado, perseguido por Dona Carocha que reclama:

- Não sei – respondeu Dona Carochinha – mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladim queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato-de-Botas brigou com o Marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Fêli. Branca-de-Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalho para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir e o Pequeno Polegar já deu o exemplo. (LOBATO, 1959, p. 18)

O conflito, que tem como estopim a fuga do Pequeno Polegar sugere ainda uma outra ordem de insubmissão.

Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história es embolorada, temos de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta idéia – fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras. (LOBATO, *ibid*, p. 57)

⁶ Trad. nossa de “Vater, ich soll und muß in die Welt hinaus”

A insurreição desloca-se de fato para o plano ficcional, onde o texto lobatiano debela-se contra o academicismo cerceador da criação brasileira, arquitetando novas e irreverentes aventuras. O diálogo intertextual funda-se, assim, sobre uma tensão criativa que reorganiza a memória de leituras passadas, mergulhando-as num espaço outro: o Sítio do Picapau Amarelo. Visita-o Cinderela (*Aschenputtel*) anunciada como “a princesa das botinas de couro” (LOBATO, *ibid*, p. 170) que ao antepor a letra *c* rompe e debocha do que servira de símbolo e testemunho da nobreza de quem portara a célebre botinha de ouro⁷. O leitor de Lobato torna-se assim sabedor, graças à indiscreta Emília, que Cinderela trocara os desconfortáveis sapatos de cristal por sapatinhos de camurça, mais confortáveis, segundo, alega, pois os outros lhe faziam calos. A irreverência manifesta no diálogo entre Emília e a personagem permite ainda outros esclarecimentos.

-Há outro ponto que me causa dúvidas, continuou a boneca. Que é que aconteceu para sua madrasta e suas irmãs, afinal de contas? Um livro diz que foram condenadas à morte pelo Príncipe: outro diz que um pombinho furou os olhos das duas...⁸

-Nada disso aconteceu – disse Cinderela. Perdoei-lhes o mal que me fizeram – e hoje estão curadas da maldade e vivem contentes numa casinha que lhes dei, bem atrás do meu castelo. (LOBATO, *ibid*, p. 171)

Este trecho parece ratificar algo que igualmente se nota nas traduções de Lobato - sua tendência a atenuar as passagens que julgava

⁷ No texto de Grimm, a heroína calça “botinhas de puro ouro”. Cf. “Nun warf ihm der Vogel herab, das war so prächtig und glänzend wie es noch keins gehabt hatte, und die Pantoffeln waren ganz golden. (*Aschenputtel*” GRIMM, 1982, 142). A par da intenção paródica do trecho, ele serve também para testemunhar o afirmado anteriormente: a tradução de Lobato do *Kinder-und Hausmärchen* foi intermediada por versões anteriores.

⁸ Esta versão encontra-se no *Kinder-und Hausmärchen*.

inadequadas aos temores infantis. A crítica aí expressada não se limita à personagem saída do borralho para os salões reais, mas se verifica igualmente no elenco de visitas que chega ao Sítio de Dona Benta, a exemplo de Capinha Vermelha. No *Histórias diversas*, o consórcio entre a menina e os habitantes do Sítio efetiva-se plenamente. O lugar onde vive “A Floresta dos Tucanos Amarelos” (LOBATO, 1965, p. 304), o *hobby* de colher no campo uns malmequeres” (LOBATO, *ibid*, p. 318), o Lobo que se ocupa agora de perseguir a D. Benta, sempre afugentado pela Nastácia, que lhe dá “três boas vassouradas no focinho” (LOBATO, *ibid*, p. 279), delatam uma prática cunhada no manifesto oswaldiano. De fato, já notou parte da crítica brasileira (pode-se tomar o trabalho de Yunes como siônimo da crítica brasileira?) (YUNES, 1982; LAJOLO, 1985) certo aspecto pouco explorado na obra lobatiana, inter-relacionado com a questão da antropofagia e que, antes de Oswald, já se manifestava nos textos infantis de Lobato, ainda que sem o conteúdo programático e o experimentalismo do manifesto de 1928. Com efeito, o autor de *Reinações de Narizinho*, apodera-se pela prática intertextual das personagens da tradição folclórica europeia – Branca-de-Neve, Chapeuzinho Vermelho, Pequeno Polegar – e as mergulha um espaço geográfico eminentemente nacional: o Sítio do Picapau Amarelo. No processo de transcrição, observa Horácio Dídimo (VIEIRA, 1991, 279), Lobato entrelaça a sua ficção não só à memória de narrativas e personagens do acervo do *Kinder-und Hausmärchen*, mas igualmente da literatura universal e de outros sistemas semióticos. Usando o recurso da intertextualidade, promove o diálogo entre a sua escrita e as que lhe antecederam, consumando no texto a nacionalização do acervo herdado.

5. RETOMANDO O FIO DA MEADA

O percurso deste estudo iniciou com algumas reflexões sobre o trabalho do tradutor, compreendido como operação

necessariamente ancorada na leitura. Lobato, tradutor experiente, não desconhecia os liames que unem uma(não seria um, o tradutor) e outra, atualizando, em D. Benta, a figura do leitor/tradutor competente. Assim, quem atravessa o umbral do sítio ingressa em ambiente onde se confraternizam a literatura nacional e a europeia, em espaço simultaneamente cosmopolita e local. O trânsito entre o maravilhoso e o empírico ocorre com a mesma naturalidade como o fluxo entre as nacionalidades literárias. O mesmo projeto, que fundamenta sua criação para o público infantil – atento de um lado, às questões do mercado e, de outro, à necessária inovação da escrita e concepção dos textos dirigidos à infância –, parece, pois, nortear os traslados do acervo pré-existente. Com efeito, se nas traduções que concebe como leitura, Lobato estiliza o texto que lhe serve de partida, na obra criada, parodia o acervo legado, numa atitude claramente insubmissa e rebelde frente ao que se erigira como clássico do gênero.

Há algo de Polegar em sua escrita – espécie de impressão digital, marcando o gosto pela insubmissão, pela irreverência, e pela abolição das fronteiras – o trânsito sem pouso e rebelde.

REFERÊNCIAS

- BRAVO, Victor. *Los poderes de ficción*. Caracas, Monte Ávila, 1985.
- BRÜDER GRIMM. *Kinder –und Hausmärchen*. Stuttgart : Philipp Reclam, 1982.
- BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A-M. *Que é literatura comparada*. São Paulo : Perspectiva, 1990.
- CARVALHAL, Tânia Franco. De traduções, tradutores e processos de recepção literária. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 85-92, 2000.
- CHEVREL, Yves. Le texte étranger: la littérature traduite. In: CHEVREL, Yves ; BRUNEL, Pierre (orgs.). *Précis de littérature comparée*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 57-83.
- FIORENTINO, Teresinha Aparecida del. *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922)*. São Paulo : Hucitec, 1982.

- GRIMM. *Contos dos Irmãos Grimm*. Trad. de Ernesto Grégoire e Lu Molland. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1897.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. 20. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo : Cultrix, 1995. p. 63-72.
- LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. 2. ed. Barcelona : Laertes, 1996.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. 2v. V.2
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1961.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Contos de Grimm*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas e estórias diversas*. 13. ed. São Paulo : Brasiliense, 1965.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990.
- PERRAULT, Charles. *Contes*. Paris , Galimard : 1981.
- PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. 25. ed. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1958.
- STEINER, George. *Después de Babel*. 3. ed. Tradução de Adolfo Castañón e Aurelio Major. México: Fondo de cultura económica, 2001. Título original: After Babel.
- TODOROV, Victor. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. de Maria Clara Castello do *Introduction à la littérature fantastique*. São Paulo : Perspectiva, 1975.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Trad. de Lauruano Pelegrini Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Baur de Godelândia: EDUSC, 2002. Título original: *The Scandals of Translation*.

necessariamente ancorada na leitura. Lobato, tradutor experiente, não desconhecia os liames que unem uma(não seria um, o tradutor) e outra, atualizando, em D. Benta, a figura do leitor/tradutor competente. Assim, quem atravessa o umbral do sítio ingressa em ambiente onde se confraternizam a literatura nacional e a europeia, em espaço simultaneamente cosmopolita e local. O trânsito entre o maravilhoso e o empírico ocorre com a mesma naturalidade como o fluxo entre as nacionalidades literárias. O mesmo projeto, que fundamenta sua criação para o público infantil – atento de um lado, às questões do mercado e, de outro, à necessária inovação da escrita e concepção dos textos dirigidos à infância –, parece, pois, nortear os traslados do acervo pré-existente. Com efeito, se nas traduções que concebe como leitura, Lobato estiliza o texto que lhe serve de partida, na obra criada, parodia o acervo legado, numa atitude claramente insubmissa e rebelde frente ao que se erigira como clássico do gênero.

Há algo de Polegar em sua escrita – espécie de impressão digital, marcando o gosto pela insubmissão, pela irreverência, e pela abolição das fronteiras – o trânsito sem pouso e rebelde.

REFERÊNCIAS

- BRAVO, Victor. *Los poderes de ficción*. Caracas, Monte Ávila, 1985.
- BRÜDER GRIMM. *Kinder –und Hausmärchen*. Stuttgart : Philipp Reclam, 1982.
- BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A-M. *Que é literatura comparada*. São Paulo : Perspectiva, 1990.
- CARVALHAL, Tânia Franco. De traduções, tradutores e processos de recepção literária. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 85-92, 2000.
- CHEVREL, Yves. Le texte étranger: la littérature traduite. In: CHEVREL, Yves ; BRUNEL, Pierre (orgs.). *Précis de littérature comparée*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 57-83.
- FIORENTINO, Teresinha Aparecida del. *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922)*. São Paulo : Hucitec, 1982.

- GRIMM. *Contos dos Irmãos Grimm*. Trad. de Ernesto Grégoire e Luiz Molland. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1897.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. 20. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo : Cultrix, 1995. p. 63-72.
- LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. 2. ed. Barcelona : Laertes, 1996.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. 2v. V.2
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1961.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Contos de Grimm*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas e estórias diversas*. 13. ed. São Paulo : Brasiliense, 1965.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990.
- PERRAULT, Charles. *Contes*. Paris , Galimard : 1981.
- PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. 25. ed. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1958.
- STEINER, George. *Después de Babel*. 3. ed. Tradução de Adolfo Castañon e Aurelio Major. México: Fondo de cultura económica, 2001. Título original: After Babel.
- TODOROV, Victor. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. de Maria Clara Castello do *Introduction à la littérature fantastique*. São Paulo : Perspectiva, 1975.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Trad. de Lauruano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002. Título original: *The Scandals of Translation*.

VIEIRA, Horácio Dídimo. Reinações de Narizinho: ficção e memória cultural. In: Congresso Abralic, 2, 1990, Belo Horizonte, *Anais*. Belo Horizonte: Abralic, 1991. v. 3.

YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro : Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo, 1985.